

ETARISMO COMO ASSASSINATO SOCIAL  
REFLEXÕES SOBRE ENVELHECIMENTO NO AMBIENTE MIDIÁTICO

**AGEISM AS SOCIAL MURDER**  
**REFLECTIONS ON AGING IN THE MEDIA ENVIRONMENT**

Bibiana Lauretti Pereira  
Luiz Armando de Moura  
Victor Gabriel Vieira Alves  
Julia Cristina de Almeida

**Resumo**

Velhice é um assunto difícil de ser encarado no ambiente acadêmico e nos meios de comunicação. Partimos do princípio de que a imagem que habita o imaginário remete a um campo semântico que é difícil de ser considerado para uma investigação acurada e imparcial. Neste artigo, propomos conversar sobre velhice na comunicação com a análise do filme Argentino-Chileno “A Noiva do Deserto” (2017). Este filme traz a história de Teresa (Paulina Garcia), uma mulher de 54 anos que trabalhou por 20 anos como empregada doméstica para a mesma família de Buenos Aires. Após a decisão dos patrões de vender a casa, Teresa perde o emprego e se encontra desamparada. Depois, ela é chamada a trabalhar num casamento em uma cidade do interior, e parte em uma longa viagem pelo deserto. No caminho, a mulher esquece a bolsa, que procura com a ajuda de Gringo (Claudio Rissi), um vendedor ambulante. Eles iniciam juntos a busca pela bolsa e vão se conhecendo melhor ao longo da jornada - não apenas um ao outro, mas também internamente. O filme nos faz acompanhar uma personagem com quase 60 anos de idade que aprende coisas antes inimagináveis, que sente emoções intensas - ansiedade, medo, mas também alegria e desejo, e isso pode nos ajudar a desconstruir a noção de que existe um ponto da vida na qual não há mais espaço para autodescobrimento e para traçar o futuro. Como Simone de Beauvoir (1990) defende, a velhice não é somente um fato biológico, mas um fato cultural. O envelhecimento é um processo extremamente diverso, envolvendo aspectos biológicos, psicológicos, sociais, culturais, econômicos, médicos e políticos. A realidade social da velhice é continuamente renovada e persistente (Kite et al. 2005; Beard et al. 2012), enquanto novas perspectivas sobre a velhice (Godwin e Poland 2015; Randall 2016) e novas atitudes em relação ao envelhecimento (Karpf 2012) podem coexistir com visões negativas (Berry 2012). Nesta dimensão da cultura, será possível reaprender e desmistificar os estereótipos negativos ligados à velhice?

**Palavras chave:** Etarismo. Envelhecimento. Comunicação. Cinema.

**Abstract**

Old age is a difficult subject to deal with in the academic environment and in media. We create assumptions that the image that inhabits the imagination refers to a semantic field that is difficult to consider for an accurate and impartial investigation. In this paper, we propose a talk about old age in communication with the analysis of the Argentine-Chilean film “The Desert Bride” (2017). This film tells the story of Teresa (Paulina Garcia), a 54-year-old woman who worked for 20 years as a maid for the same family in Buenos Aires. After her bosses' decision to sell the house, Teresa loses her job and finds herself hopeless. Then, she is called to work at a wedding in a countryside town, and goes on a long

journey through the desert. On the way, the woman misplaces her purse, which she looks for with the help of Gringo (Claudio Rissi), a street vendor. They start the search for the purse together and get to know each other better along the way - not just each other, but also themselves internally. The film follows a character almost 60 years old who learns previously unimaginable things, who feels intense emotions - anxiety, fear, but also joy and desire, and this can help us deconstruct the notion that there is a point in life in which there is no more space for self-discovery and for planning the future. As Simone de Beauvoir (1990) argues, old age is not only a biological fact, but a cultural fact. Aging is an extremely diverse process, involving biological, psychological, social, cultural, economic, medical and political aspects. The social reality of old age is continually renewed and persistent (Kite et al. 2005; Beard et al. 2012), while new perspectives on old age (Godwin and Poland 2015; Randall 2016) and new attitudes toward aging (Karpf 2012) can coexist with negative views (Berry 2012). In this dimension of culture, will it be possible to relearn and defog the negative stereotypes linked to old age?

**Keywords:** Ageism. Aging. Communication. Cinema

## **Introdução**

O filme “A Noiva do Deserto” (La Novia del Desierto) foi escrito e dirigido pela dupla Cecilia Atán e Valeria Pivato e lançado em 2017. É uma coprodução Argentina e Chilena, com breves 78 minutos de duração (Atán & Pivato, 2017).

A protagonista é uma mulher chamada Teresa que aparece em quase todos os planos da obra e está constantemente à frente da câmera e da narrativa. Ela passou mais de três décadas longe de sua terra natal trabalhando para uma mesma família na cidade de Buenos Aires. Um dia, é friamente demitida, depois do casamento do filho dos patrões - cujo crescimento Teresa acompanhou desde a infância -, que impulsiona a decisão por parte destes de vender a casa na qual Teresa, além de servir como empregada doméstica, também morava em um quarto pequeno.

Então, Teresa parte em direção à província de San Juan para trabalhar na organização de um casamento, sem qualquer amparo da família à qual se dedicou durante todos os dias de todas as semanas, durante mais de 30 anos.

No caminho, seu ônibus quebra, e ela, por engano, esquece uma bolsa de tamanho mediano que contém todos os seus pertences dentro da van do viajante e comerciante El Gringo. Ela o procura para recuperar sua bolsa, mas não está com ele. Assim, os dois partem na estrada pelo deserto, passando por todos os lugares nos quais o homem havia descarregado mercadorias na esperança de encontrar a bolsa.

Durante essa jornada, vemos Teresa com um olhar triste e sempre mantendo uma expressão impenetrável que adquiriu depois de muitos anos sendo compelida a reprimir seus sentimentos e sua presença na casa dos patrões. A postura da mulher se contrapõe com a de El Gringo, homem extrovertido e bem humorado, que passou a vida sempre em movimento.

Aos poucos, a convivência com Gringo vai se revelando cada vez mais confortável e ela vai, aos poucos, se permitindo sorrir e até aceitar os constantes flertes do homem que, mesmo galanteador, parece gostar sinceramente da moça. As interações dos dois, por mais cotidianas e mínimas que sejam, têm um impacto enorme em nossa protagonista, e ao fim dessa jornada, Teresa parte sozinha pelo deserto para finalmente conhecer melhor o mundo e a si mesma.

As relações que podem ser feitas entre o filme e a pesquisa de etarismo, é como é impossível falar sobre o envelhecimento sem um recorte de classe. Teresa, nossa protagonista, é uma mulher que tem de 50 a 60 anos, e a ela não é oferecido nenhum tipo de conforto, afeto, segurança ou perspectiva quando a família que extraiu mais de 30 anos de sua vida a demite de um dia para o outro.

Uma das grandes questões em relação ao envelhecimento é a inabilidade do sistema vigente de oferecer suporte às pessoas conforme estas envelhecem - algo que é intensificado quando se trata da classe trabalhadora - sendo tratadas como descartáveis, postas de lado se modo inescrupuloso assim que seus serviços não são mais necessários.

Algo que fica evidente também em Teresa é como a solidão e falta de afeto contribuem para sua tristeza e impermeabilidade emocional. Vemos no filme que a única pessoa por quem nutriu afeto foi o filho de seus patrões, acompanhando toda a sua trajetória até seu casamento e, por fim, a separação permanente. Assim, ela passa por um processo de redescoberta emocional para sentir afeto por si e permitir aceitar o afeto externo.

### **Olhando para o etarismo sob a ótica do filme “A Noiva do Deserto”**

O termo etarismo trata a respeito do preconceito contra pessoas de idade avançada, ou seja, idosos. Outras expressões são utilizadas para descrever o mesmo ato, entre elas estão: ageísmo, idadismo, idosismo e velhismo, palavras diferentes, porém de mesma natureza para

discriminar ou estereotipar indivíduos, ou grupo de pessoas baseado na idade cronológica. Esse preconceito tem como origem primordial na construção da sociedade, advento do imaginário de um idoso debilitado, frágil, com problemas de saúde e de pouco empenho. Essas crenças muito equívocas fortalecem essa discriminação. Nesse sentido, a luta contra o etarismo deve ser realizada diariamente em conjunto com a sociedade e poder público, para desmistificar esta relação com a fase etária idosa com o campo semântico ligado a apenas o biológico.

Segundo Butler, o etarismo teve a sua primeira definição a partir de “[...] um processo de estereotipação sistemática e discriminação contra pessoas por elas serem velhas, assim como o racismo e o sexismo o fazem por causa da cor da pele e do gênero” (MACNICOL, 2006, p. 7). Além do preconceito, o etarismo se desdobra em duas situações importantes: os estereótipos e a discriminação.

O etarismo é considerado crime de acordo com a legislação brasileira. O Estatuto da Pessoa Idosa estabelece meios para protegê-los contra possíveis abusos. Este mesmo Estatuto é dirigido pela Lei nº 10.741, sancionada em 6 de outubro de 2003.

Portanto, é fundamental compreender os desdobramentos do etarismo, o que ele pode causar, sobretudo na parte psicológica dos idosos, preterindo o isolamento, não realizando atividades sociais e algumas vezes levando até à depressão, conforme o idoso interioriza isso. Inclusive no âmbito profissional, pessoas de 50 a 60 anos por diversas vezes são rejeitadas pelo empregador.

Nesse sentido, fica muito claro que a segregação da população idosa está ligada aos padrões sociais construídos na sociedade. A título de exemplo, o modelo de produtividade imposto atualmente, com a preferência do público jovem, o dificultoso acesso a novas tecnologias, são situações que impedem a inclusão da pessoa idosa. Esse afastamento aliado pela falta de contato intergeracional, é o cenário favorável para que o etarismo possa se propagar.

Uma consequência da segregação é o surgimento e o fortalecimento dos estereótipos. Quando estamos separados não temos a oportunidade de conhecer o outro e, dessa falta de contato, surgem estereótipos sobre aquilo que não conhecemos completamente ou que conhecemos apenas superficialmente. Em uma sociedade com alta segregação etária e com poucos esforços na direção de combatê-la, involuntariamente

tem-se uma sociedade com estereótipos de idade que levam a uma maior segregação e ao etarismo. (LOTH, 2014, p. 70).

Para tentarmos mudar e combater o etarismo é necessário disseminar informações sobre o tema e os pontos negativos que essa forma de discriminação gera nesse grupo da sociedade. Segundo um relatório da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2022), existem três medidas possíveis para combater o etarismo: a primeira, por via de políticas e leis, enfatizando os direitos humanos; a segunda, aplicando a chamada intervenção educacional, conscientizando todos os níveis educacionais; e, por fim, um maior contato intergeracional, promovendo uma troca constante entre diferentes grupos de idade. Contudo, a presença do Estado é fundamental, pois a única forma para que essas medidas sejam colocadas em prática é por meio de políticas públicas e incentivos.

### **Parte estatística**

Numa notícia publicada no site da CNN (Garcia, Amaral, & Raciunas, 2023) após a três jovens debocharem de uma colega de 40 anos que estudava com elas, reforçam as pesquisas como do Relatório Mundial sobre Idadismo, da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2022) e apresentam “o etarismo como se refere a estereótipos (como pensamos), preconceitos (como nos sentimos) e discriminação (como agimos)” (Garcia, Amaral, & Raciunas, 2023).

Um dos locais onde o preconceito com a idade mais se mostra presente é o mercado de trabalho, apesar de também ter forte presença também no setor da saúde. O capitalismo considera os idosos como empecilhos para a sociedade, colocando o indivíduo em um lugar de incapacidade e descarte. Uma cultura desumana que se inicia desde a infância, mostrando a faixa etária do idoso sempre como algo frágil, com uma fase em preparação à morte do indivíduo no meio social. Com esta mentalidade, não se é preciso ser enterrado para que haja de fato morte em nossa civilização. Segundo a médica e presidente da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia, Ivete Berkenbrock, o etarismo aumenta um ano na vida daquele que envelhece, tendo consequências na saúde física e psicológica (Garcia, Amaral, & Raciunas, 2023).

A segunda edição da Pesquisa Idosos (Brasil, 2021), produzida pelo Sesc São Paulo e pela Fundação Perseu Abramo, mostrou que 18% dos idosos afirmaram terem sofrido discriminação em um serviço de saúde e 19% informaram terem sofrido algum tipo de violência física ou verbal no ano de 2020. Na pesquisa da OMS, mostra que 16,8% dos brasileiros com mais de 50 anos já se sentiram vítimas de algum tipo de discriminação por estarem envelhecendo e o etarismo já chega a atingir qualquer pessoa acima de 30 anos.

Dados de desemprego e menos contratações relacionadas a idade evidenciam os preconceitos presentes no meio de trabalho, um impacto especialmente sentido em relação a carreiras e empreendimentos.

De acordo com o IBGE, em 2025, o Brasil deverá ocupar a sexta posição no ranking populacional de pessoas acima de 60 anos (Neves, 2013). Entretanto existe um futuro próximo com uma grande população de idosos e a continuidade da falta de políticas públicas que é um dos fatores que restringe a inserção dessas pessoas no mercado de trabalho. Em uma notícia do G1 (Cavallini, 2022), mostra que, a cada quatro profissionais demitidos, é devido a idade. Esse preconceito também se mostra já na seleção do candidato para vagas de emprego. O estudo demonstrou que 21% dos recrutadores levam em conta primeiramente a idade, descartando de forma desigual e não justa os interessados (Cavallini, 2022).

Não há nenhum tipo de projeto que permeia a distribuição de informação a respeito do etarismo dentro de empresas e leis, essa falta de conhecimento inicial se torna um grande passo para o preconceito e a sua propagação, resultando na falta da ingressão desses profissionais sêniores no mercado de trabalho.

Os idosos são afastados consequentemente da sociedade, devido à falta de perspectiva como trabalhador ou negligenciados pelas pessoas que os cercam. O preconceito acaba afetando diretamente a saúde mental desses indivíduos, resultando em baixa autoestima, depressão, isolamento, morte precoce, doenças crônicas como as cardiovasculares, artrites, além de acelerar o declínio cognitivo, aumentando o risco de demências.

A médica Ivete Berkenbrock exemplifica:

O preconceito afeta a saúde mental da pessoa, porque ela tende a ficar em isolamento, não se sente confortável no ambiente onde ela é basicamente rejeitada por ter mais de 60 anos. Isso pode levar à

depressão, porque a cada vez que a pessoa pensa em fazer algo, ela interioriza isso. (Garcia, Amaral, & Raciunas, 2023)

No momento em que o idoso recebe a possibilidade apenas à área da saúde, torna-se uma forma de resumi-los às doenças, negando a realização de seus prazeres como seres humanos.

Um exemplo alarmante do etarismo presente na área de saúde ficou agravado durante a pandemia do Covid no início de 2019. Nos hospitais, idosos estavam sendo vistos como frágeis e fardos sem salvação. Diversas frases preconceituosas relacionando pessoas de idade como “desperdício de oxigênio” foram ouvidas a respeito dos idosos de 80 anos que estavam sendo priorizados durante a vacinação e nos momentos em que os tubos de oxigênio estavam em falta em diversos hospitais.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2019, divulgou a expectativa de vida no Brasil como de 76,6 anos. O aumento da longevidade deveria ser considerada uma das maiores conquistas coletivas da humanidade nos últimos tempos, todavia, algo que deveria ser visto como positivo vem trazendo e gerando mais jovens preconceituosos e mais adultos depressivos.

Ambos os grupos deveriam enxergar a velhice como processo natural da vida e com o avanço da medicina e da promoção aos exercícios físicos, a humanidade vem colhendo a possibilidade de um envelhecer cada vez mais prazeroso. Entretanto, o medo do envelhecimento parece ser maior que a própria morte, comprovado pela exclusão prévia que idosos recebem em todo o tipo de ambiente, sendo ele da saúde, do mercado de trabalho e até mesmo dentro de suas casas com as pessoas que conhecem.

O etarismo já está enraizado culturalmente na sociedade, ele abrange todas as idades e suas maiores vítimas são os mais velhos. Disfarçado de brincadeiras e frases preconceituosas, enfatizado por comportamento sociais e empresariais, o etarismo mata. Diversos idosos são expulsos de suas casas, violentados por familiares e ou por profissionais da saúde, subestimados e descartados. O assassinato que a sociedade faz previamente do indivíduo o matará fisicamente no futuro. Há diversos relatos e notícias de abuso e abandono de idosos e

hoje nada está sendo feito para que isso melhore, deveriam haver mais leis, campanhas públicas e empresariais para que esse preconceito seja combatido.

### **Considerações finais**

Nesta conclusão, realçamos três pontos debatidos aqui neste artigo que o filme “A noiva do deserto” nos ajuda a refletir: o etarismo individual, interpessoal e estrutural, como propõe a reflexão Simone Beauvoir, no seu livro *A velhice* (BEAUVOIR, 1990). Na estrutura individual, de cada pessoa, este preconceito está relacionado à construção do estereótipo de velhice. O Etarismo discrimina e cria estereótipos, em geral negativos, para um indivíduo ou grupo de pessoas, baseado na idade cronológica. E isto é um padrão que as sociedades repetem há tempo. Na sociedade brasileira, este termo ainda é pouco conhecido culturalmente e, portanto, as práticas discriminatórias ainda, por vezes, são repetidas como padrões aceitáveis.

O breve filme dialoga com o público elementos sensíveis das imagens sobre a pessoa idosa e como a relação de trabalho pode subjugar a autoestima da pessoa. De fato, a personagem principal tem sua concepção de vida e, conseqüentemente, da velhice toda embasada sob sua experiência pessoal trabalhando há 30 anos como babá naquela família. De forma lúdica, nos coloca num caminho de descoberta junto a Teresa (Paulina Garcia), uma mulher de 54 anos, dos medos e incertezas que esta mulher vai confirmando pela sua vivência.

Como considera Coutrin (Coutrin, 2010, p. 59), o conceito de velhice muitas vezes é tratado como somente uma etapa do ciclo biológico, sem levar em conta as diversidades presentes nas sociedades e culturas distintas. Haddad (Haddad, 1986) vai chamar isto de "ideologia da velhice".

É um ponto sensível para comunicação quando reduz uma realidade complexa em tessituras de signos, significados e significantes à apenas um nível de conhecimento, no caso, a velhice vista e avaliada apenas sob a ótica biológica, que, certamente, pode traçar e reduzir o diálogo ao campo semântico “morte, decadência física, doenças, etc”. Pelo contrário, o envelhecimento é um processo complexo, com características variadas e peculiares, envolvendo aspectos biológicos, psicológicos, sociais, culturais, econômicos, médicos, políticos.



É justamente neste ponto que este filme de forma simples e coerente trata esta construção do estereótipo da velhice como um processo ao decorrer da vida da pessoa. Teresa é uma mulher, empregada, assalariada, que tem sua vida fundada no trabalho. Como explicitado, há 30 anos no mesmo local de trabalho. No filme, é obrigada a fazer um caminho para encontrar sua bolsa. A sua vida e toda a impositação do seu trabalho a levaram esquecer-se de si mesma, dedicando o seu afeto e carinho a uma criança que nem era seu filho. De forma bem sutil, a família que a tem como babá, impõe um controle afetivo.

Enquanto é jovem, a considera apta para o trabalho. Quando envelhece, não a consideram útil. A linguagem narrativa da fotografia deste filme deixa a personagem presente em todos os planos. O filme sempre mostra o presente e o passado, contemporaneamente, desvelando a história de Teresa aos poucos. O recorte é interessante e acentua possivelmente esta construção do imaginário.

Em umas das cenas no início do filme (Atán & Pivato, 2017), mostra a personagem no seu quarto, na casa da família que trabalhava, e, de noite, debaixo dos lençóis, ao som frenético de um relógio, ela chora. Anteriormente a esta cena, mostra a conversa com um senhor que parece que a conhece há tempos. “Aonde vais?”, é a pergunta dele. Oferece ajuda também para lutar por seus direitos no trabalho.

Ela não considera fazer isto. “Aquela família é dela. Como pode fazer qualquer coisa com eles? Seus direitos? Não existem!”. Aliado ao estereótipo que se alimenta no decorrer da vida, a pessoa se forma na visão de mundo controlado pela idade cronológica.

Nesse contexto, o segundo ponto que este artigo reforça, ainda sobre a ideia que temos do envelhecer, é a ideia que “é preciso combater o envelhecimento”. É o slogan que ressoa em todas as ações e conceitos sobre o etarismo. Assim, o etarismo interpessoal nos coloca o estigma que, segundo Dórea (2020), “é a necessidade de se evitar algo ou alguém que possa representar uma ameaça à saúde ou custo financeiro e social do outro grupo. Essa resposta é modulada pelo contexto cultural no qual aqueles indivíduos estão inseridos”. Logo após esta imagem que ela chora no quarto, há o enquadramento dela na porta do banheiro público: desamparada, como indigente. O preconceito como estigma não deixa a própria pessoa ver seus direitos e deveres.

Por fim, observamos o etarismo como estrutural à semelhança do racismo estrutural. Ele refere-se a desigualdades históricas e contemporâneas que são perpetuadas pelos sistemas políticos, econômicos e sociais, incluindo sistemas que se reforçam mutuamente, como saúde, educação, emprego, moradia, mídia e justiça criminal. E que resultam em uma variação sistêmica de oportunidades baseadas na idade.

Teresa começou a trabalhar ainda com seus vinte anos. Mesmo que o filme não tenha dado informações sobre sua condição pessoal, acompanhando sua história, parece ser uma pessoa de classe social baixa, assalariada, que depende disto para sobrevivência. Ela fará uma viagem para poder ajudar em um casamento de uma família, tendo em vista uma oportunidade de trabalho. O trabalho, de fato, é um dos meios mais discriminatórios quanto à idade.

Teresa, ao início do filme, tem um diálogo com uma senhora quando o seu ônibus havia estragado. A senhora lhe pergunta se não tem medo da Difunta Correa. Esta história é uma lenda argentina que conta a história de uma mãe que morre atravessando o deserto, mas o seu filho permanece vivo, pois, milagrosamente, se alimenta do leite materno. Teresa, naquele momento, não responde que tem ou não medo. Simplesmente olha para a senhora que a indaga. A resposta é construída no decorrer do filme, pois é uma resposta complexa, como o próprio conto da mãe que alimenta o filho estando morta.

## Referências

Atán, C., & Pivato, V. (Diretores). (2017). *A noiva do Deserto* [Filme Cinematográfico].

BEAUVOIR, S. (1990). *A velhice*. (M. H. Monteiro, Trad.) Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Brasil, P. I. (05 de abril de 2021). Pesquisa Idosos no Brasil II: fase qualitativa. (S. S. Abramo, Entrevistador) Fonte: SESC SÃO PAULO: <https://portal.sescsp.org.br/files/artigo/8143fcac/6970/4279/bd41/8ae44529f436.pdf>

Cavallini, M. (02 de dezembro de 2022). *Um em cada quatro profissionais já foi demitido por conta da idade, mostra pesquisa*. Fonte: G1: <https://g1.globo.com/trabalho-e-carreira/noticia/2022/12/02/um-em-cada-quatro-profissionais-ja-foi-demitido-por-conta-da-idade-mostra-pesquisa.ghtml>

Coutrin, R. M. (2010). *A velhice invisível: o cotidiano de idosos que trabalham nas ruas de Belo Horizonte*. São Paulo: Annablume.

Dórea, E. L. (2020). *Idadismo: um mal universal pouco percebido* (Recurso eletrônico ed.). São Leopoldo: UNISINOS. Fonte: [https://ler.amazon.com.br/?asin=B097F7PBXG&ref\\_=kwl\\_kr\\_iv\\_rec\\_5](https://ler.amazon.com.br/?asin=B097F7PBXG&ref_=kwl_kr_iv_rec_5)

Garcia, A., Amaral, T., & Raciunas, C. (13 de março de 2023). *O que é etarismo e como a discriminação por idade impacta a vida de idosos*. Fonte: CNN Brasil: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/o-que-e-etarismo-e-como-a-discriminacao-por-idade-impacta-a-vida-de-idosos/>

Haddad, E. G. (1986). *A ideologia da velhice*. São Paulo: Cortez.

LOTH, G. B. (2014). Etarismo nas organizações: um estudo dos estereótipos em trabalhadores envelhecidos. *Revista de Ciências da Administração*, 65–82. doi:<https://doi.org/10.5007/2175-8077.2014v16n39p65>

MACNICOL, J. (2006). *Age discrimination: an historical and contemporary analysis*. New York: Cambridge University Press.

Neves, M. (25 de junho de 2013). *Idosos serão 30% da população mundial em 2050*. Fonte: Câmara dos Deputados: <https://www.camara.leg.br/radio/programas/407614-idosos-serao-30-da-populacao-mundial-em-2050/#:~:text=Daqui%20a%20doze%20anos%2C%20em,9%25%20do%20total%20de%20brasileiros.>

OMS, O. P.-A. (2022). *Relatório mundial sobre o idadismo*. Washington: D.C. doi:<https://doi.org/10.37774/9789275724453>.